



CASA DE GUERRAS E OSSOS

SÉRIE CIDADE DOURADA - LIVRO DOIS

LEIA STONE

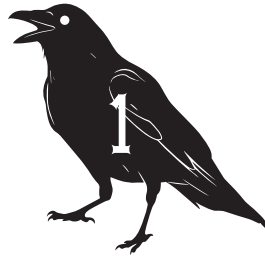
CASA
DE GUERRAS
E OSSOS





PARA A MINHA MÃE.
OBRIGADA POR ME
DEIXAR BRINCAR NA
LAMA COM AS FADAS E
FAZER COMIDA PARA A
RAINHA DELAS. TENHO
CERTEZA DE QUE VOCÊ
É A RAZÃO DE EU TER
ESSE DOM.





FALLON

— POR QUE A RAINHA QUER FALAR COMIGO? — PERGUNTEI AO mestre Clarke enquanto andava de um lado para o outro em sua sala no subsolo durante minha aula eletiva particular.

Já fazia uma semana que Ariyon havia desaparecido e eu não estava nem perto de encontrá-lo. Já tinha implorado a Yanric que tentasse ir até ele, mas meu familiar me garantiu que só poderia viajar até o reino dos mortos se fosse para me encontrar — ou se ele próprio morresse. Eu estava trabalhando com os mestres Clarke e Hart, mas não conseguia reproduzir o que havia feito para transportar Ariyon e a mim ao Reino da Eternidade. Estava proibida de assistir às aulas até descobrirmos isso. Os outros alunos me encaravam quando eu passava, por isso eu também não estava muito a fim de voltar às aulas. Todos sabiam que eu havia (sem querer) incendiado a mansão onde estava sendo realizado o baile e que havia tido participação no desaparecimento de Ariyon.

— Eu não tive acesso a essa informação, mas imagino que não será uma visita sociável — disse ele enquanto usava seu poder para fazer um pedaço de papel flutuar pela sala até pousar diante de mim.

Estendi o braço e o peguei com a mão enluvada. Ao ver meu novo horário de aulas, franzi a testa.

Fallon Bane

Classe feérica: Curandeira

Ano: Primeiro

Orientador: Mestre Clarke

Primeiro período: Detecção de energia (Mestre Hart)

Segundo período: Reparos nível inicial (Senhora Reebus)

Terceiro período: Aplicações práticas (Clínica Estudantil)

Almoço

Quarto período: História dos feéricos 1 (Senhora Hilton)

Quinto período: Eletiva particular — Mestre Clarke

Sexto período: Eletiva particular — Mestre Hart

— Sério? — resmunguei. — Tenho que fazer todas essas aulas novas? Eu tinha três aulas com Eden agora, mas esse novo horário as reduziria a uma: história dos feéricos.

O mestre Clarke me encarou com um olhar penetrante.

— Você trocou de poderes com o curandeiro mais avançado da Cidade Dourada; o que espera que eu faça? Quer que continue te ensinando a conjurar chamãs? Acho que você já sabe fazer isso.

— *Não gostei do tom dele* — comentou Yanric, e olhei para a lateral da sala, onde avistei o grande corvo negro, o meu familiar, do lado de fora da janela.

— Mas eu não quero usar os poderes do Ariyon. — Envolvi o próprio corpo com os braços.

Sem saber como, eu havia ferrado com tudo ao curar Ariyon. Tinha roubado seus poderes — não, trocado o meu com o dele. Chega desse negócio de fogo e destruição; pelo visto, Ariyon tinha esse dom agora. E eu tinha os poderes de cura de nível especialista pelos quais Ariyon era famoso. Por mais que tentasse escondê-los, todo mundo sabia. As marcas no dorso das minhas mãos eram um lembrete constante disso.

Mestre Clarke atravessou a sala e parou diante de mim, forçando-me a encará-lo. Eu não esperava ver tanta compaixão em seus olhos. Ele parecia mais velho, como se a semana anterior houvesse acrescentado anos a sua vida — vai ver fosse a realidade de todo mundo; eu mesma não pregava os olhos. Seu cabelo estava um pouco mais grisalho; seu rosto, envelhecido.

— Você o quer de volta, não é? Quer descobrir como ajeitar as coisas?
— perguntou ele.

Fiquei irritada com a pergunta direta dele.

— Mais que tudo.

— Pois então precisa aprender sobre os novos poderes que carrega para descobrir como voltar ao Reino da Eternidade e trazer Ariyon para casa. Inteiro e vivo. E, de preferência, não como uma criatura da noite.

Estremeci ao ouvir a última parte. Quando a rainha quase tinha matado meu familiar e o mandado para o Reino da Eternidade, Yanric havia visto Ariyon sendo preso. Então, fui informada de que a única razão para ele ser preso era porque agora tinha meus poderes e estava sendo transferido para o Reino do Renascimento. Lá, ele travaria algumas batalhas ou enfrentaria obstáculos e, apenas se vencesse, renasceria... como uma criatura da noite. Não havia a mínima chance de eu deixar isso acontecer.

— Estou com medo de que, se eu usar os poderes de cura de Ariyon, isso reduza o tempo de vida dele — confessei o verdadeiro motivo de não eu querer assistir às aulas.

O mestre Clarke franziu os lábios.

— Entendo. Olhe, Fallon, os curandeiros especialistas sabem o compromisso que estão assumindo quando fazem o juramento. Ariyon sabia que a vida dele seria curta. São as centenas de vidas que ele salvará, as milhares de pessoas que curará que lhe dão propósito. — Ele pousou a mão em meu ombro. — Quem sabe você não possa extrair propósito disso também.

Concordei com a cabeça. Quem sabe.

— *Chegando!* — anunciou Yanric, e eu me endireitei.

— A rainha chegou — sussurrei para Clarke.

Ele concordou com a cabeça, atravessou a sala e ficou esperando ao pé da escada.

— *Muito bem, vá embora. Encontro você depois* — disse para o meu familiar.

— *Tudo bem, mas quero deixar claro que faço isso com pesar. Gostaria muito de ver a Rainha Sem Alma de novo* — rosnou ele.

Disfarcei um sorriso ao ouvir o novo apelido.

— *Protesto registrado.*

Passos ecoaram nas paredes do porão e eu me preparei. Ainda não havia tido um único encontro agradável com essa mulher. Seus dois

guardas reais chegaram primeiro, cobertos da cabeça aos pés com a armadura real da Cidade Dourada. Depois veio a rainha, vestindo um elegante e estiloso terninho azul-pastel. Atrás dela estava uma feérica que eu não reconheci, mas pela aparência do avental esfarrapado e os sapatos sujos, devia ser uma oestina.

— É maravilhoso ver a senhora, minha rainha. A que devemos a honra? — mestre Clarke fez uma profunda reverência.

Rainha Solana acenou com a mão, reconhecendo a reverência, e apontou o próprio punho olhando para mim.

— Estive reunida com o conselho para encontrar uma maneira de trazer meu sobrinho de volta e eles tiveram uma ideia fabulosa. — Ela sorriu para mim, e foi como se água gelada houvesse sido injetada em minhas veias.

Engoli em seco, me preparando para fosse lá o que ela estava prestes a dizer ou fazer. Essa mulher me odiava mortalmente. Toda a sua confiança em mim estava perdida, e eu sabia que o que diria não seria favorável.

— Misty é uma governanta amada e leal do palácio. — Rainha Solana fez um gesto para a mulher de avental e a feérica corou, fazendo uma profunda reverência. — E ela tem baixo talento mágico, portanto, é uma ótima candidata para trocar de poderes com Fallon.

Eu e mestre Clarke trocamos um olhar confuso.

— Trocar? — perguntou mestre Clarke.

E eu fiquei grata, porque sentia que, quanto menos falasse perto da rainha, melhor.

Rainha Solana confirmou, franzindo seus lábios cor de cereja.

— É evidente que a senhorita Bane tem o poder de roubar a magia dos outros e substituí-la pela dela, como fez com Ariyon e agora fará com Misty. Não posso permitir que minha melhor curandeira seja uma Bane!

— Ela rugiu esta última parte, e eu estremeci.

Ora, ela queria que eu ficasse com a magia fraca de Misty e que a governanta fosse a nova curandeira especialista?!

— Hum. — O mestre Clarke pareceu alarmado com tal sugestão. — Não quero questionar seu conselho, minha rainha, mas...

— Dei ouvidos a você e permiti que essa garota estudasse — disse ela, interrompendo mestre Clarke e apontando o dedo para ele —, em vez de prendê-la. E veja no que deu! — Ela lançou um olhar furioso para ele.

Eu precisava dizer alguma coisa.

— Acha mesmo que eu sei fazer isso? Acha que eu tinha alguma ideia do que estava fazendo quando troquei com Ariyon? — Dei risada, mas a risada morreu assim que a rainha me lançou um olhar gélido. — Eu só queria salvar a vida dele. Não tenho ideia dos detalhes do que aconteceu, não tenho como reproduzir nada — garanti.

As narinas da rainha se dilataram e ela apertou os lábios.

— Mentira — rosnou.

Revirei os olhos.

— É mesmo? E em quantas mentiras já me pegou?

Tirei a luva e estendi a mão para ela. Os dois guardas se aproximaram de mim, confundindo meu gesto com uma ameaça. Mas a rainha apenas suspirou.

Ela havia usado seu poder sobre mim mais de uma vez, na tentativa de me pegar numa mentira, mas ainda não havia conseguido. E sabia que, mesmo tendo poder de cura agora, ainda doía se eu fosse tocada. Eu não correria esse risco se estivesse escondendo a verdade.

— Ora, baixe essa mão. — Ela me dispensou com a mão e começou a zanzar pela sala. Depois de mais ou menos um minuto, parou na frente de Clarke. — Isso pode me fazer perder o trono! Acha que os feéricos da Cidade Dourada vão confiar em alguém que não consegue controlar nem uma jovem? É hora de enjaular essa garota.

Deixei escapar um gemido; senti um nó no estômago e dei dois passos largos para trás. Acaso ela já havia construído uma gaiola que poderia me deter?

— *Permissão para entrar* — berrou Yanric em minha mente.

— *Negada* — respondi. Senti o coração ficar apertado e uma descarga de adrenalina me percorreu. Pensar em ficar encarcerada pelo resto da vida me fez entrar em pânico e comecei a procurar a saída. Se eu conseguisse escapar, talvez pudesse me esconder nas cidades mais distantes, para lá de Isariah. Minha cidade natal ficava a três horas de caminhada rumo ao sul, e depois dela havia muitas outras vilas e cidades onde eu poderia desaparecer.

— Como ela vai aprender a trazer Ariyon de volta se a senhora a enjaular? — zombou Clarke.

Meu coração se acalmou um pouco ao ouvir seu raciocínio.

A rainha levou a unha do polegar à boca e começou a roê-la. Eu nunca a havia visto tão alterada e... esgotada.

— E o que você sugere?

— Deixe que eu e mestre Hart trabalhemos com ela na cura...

Solana soltou uma gargalhada e me lançou um olhar furioso.

— Por acaso você lançou um feitiço sobre a escola inteira para ser vista como uma divindade?

— Não, majestade, ainda não aprendi a fazer feitiços — respondi com sinceridade, e mestre Clarke esboçou um sorrisinho discreto.

A rainha atravessou a sala e parou a meio metro de mim, fazendo minha respiração congelar na garganta.

Não me mate...

— *Vou entrar* — avisou Yanric.

— *Se fizer isso, vou dizer para Eden parar de dividir os lanchinhos com você* — respondi.

— *Que malvada.*

Olhei a rainha nos olhos enquanto ela me avaliava, sem dúvida pensando em que destino me dar. Se eu quisesse evitar passar a vida inteira presa, teria que pensar em alguma coisa inteligente. Pigarreei.

— Majestade, posso dar algumas sugestões?

Ela estreitou os olhos.

— Você acha que é mais sábia que meu Conselho?

Sacudi a cabeça.

— Claro que não, mas sei o que é ser odiada e ter pessoas desaprovando o trabalho que estou fazendo.

Ela cruzou os braços.

— Prossiga.

— Se o povo feérico está preocupado com sua capacidade de me... controlar, eu entendo. O incêndio no baile foi culpa minha, mas...

— Mas você salvou dezesseis estudantes e quatro funcionários quando queimou todas as criaturas da noite presentes — retrucou mestre Clarke, e eu concordei.

Mestre Clarke foi rápido no raciocínio. Eu precisava mesmo destacar meus atributos mais positivos.

— Mas eu salvei muita gente naquela noite — eu disse à rainha.

— Vá direto ao ponto, Bane. Não tenho o dia todo para conversar com você — retrucou rainha Solana.

— Tudo bem. Proponho fazer uma declaração pública de lealdade a você e ao maravilhoso povo da Cidade Dourada. Vou reconhecer meus

erros do passado, os da minha família, a instabilidade da minha magia, e estou disposta a me esforçar para dominar meus poderes. Para o bem de todos, inclusive o meu.

Ela ergueu uma de suas sobrancelhas bem cuidadas.

— E por que alguém acreditaria que um Bane seria leal a qualquer pessoa além de a si mesmo?

Franzi a testa, desesperada só de pensar em ficar presa para sempre. Mas logo me ocorreu uma ideia.

— Farei tudo isso sob o poder da sua magia. Para que eu não possa mentir.

Isso provocou um suspiro na rainha.

— Você declararia publicamente sua lealdade a mim sob um feitiço que te torna incapaz de mentir?

Confirmei com a cabeça.

— Com certeza absoluta. Não tenho a mínima intenção de fazer mal a você nem a ninguém nesta cidade.

Seu corpo relaxou um pouco e sua expressão passou de confusa a irritada com minha resposta sincera. Então, ela soltou um longo suspiro reprimido e ordenou:

— Saiam da sala!

Todos permaneceram em silêncio por um momento, e ela voltou o olhar para eles.

— Não me façam repetir o que eu disse. — Suas palavras eram tão ásperas que poderiam cortar até vidro.

A governanta foi a primeira a subir a escada, depois Clarke, que me lançou um olhar preocupado por cima do ombro, e enfim os dois guardas.

— *Permissão para...*

— *Cale a boca, Yan!* — ameacei. Aquele maldito pássaro superprotetor estava sempre ouvindo tudo. A rainha passou os dedos pelos cabelos, como se estivesse cansada de tudo aquilo.

— Ouça, Fallon, você parece uma garota decente. — Quase caí para trás de susto. Ela me havia feito um elogio? — Mas — levantou o dedo — todos os Banes começam aparentemente normais e bons, até que a magia...

— Domina e eles viram das trevas. É, já ouvi falar disso — resmunguei.

Ela franziu os lábios.

— Então, por mais que sua promessa de lealdade seja muito importante para tranquilizar meu povo, fico preocupada com o que pode acontecer quando você recuperar seus poderes. E quando aumentarem? Que garantia tenho de que você ainda será leal a mim?

Procurei no cérebro, desejando ardentemente encontrar uma resposta, mas não consegui pensar em nada. “Confie em mim” não parecia ter peso algum.

Simplesmente dei de ombros.

— Só o que posso é prometer fazer tudo que estiver a meu alcance para trazer Ariyon de volta e destrocá-los nossos poderes. E aí, se eu virar um ser das trevas e começar a fazer... coisas malignas, você tem minha permissão para me trancafiar para sempre.

Ela me avaliou com o queixo erguido.

— Você iria voluntariamente para o exílio?

Soltei uma risada seca.

— Se eu começar a incendiar prédios com meus amigos dentro, em nome da Luz, por favor, me prenda! Por que eu iria querer andar livre por aí se fizesse isso?

Ela esfregou as mãos, avaliando tudo o que havíamos conversado.

— Vou levar isso para o Conselho e informarei sobre a minha decisão. Suspirei, aliviada.

— Até lá, estou livre?

Ela concordou rápido com a cabeça e saiu da sala.

Fui recuando até bater as costas na parede e permaneci ali grudada. Eu havia acabado de ganhar um pouco de tempo, mas a rainha tinha parecido já decidida a me prender um dia. Yanric atravessou a parede como uma bola de sombras negras e se transformou diante de mim.

— *Rezo todas as noites para que ela se engasgue com um pedaço de carne e acabe no Reino da Eternidade* — declarou todo dramático.

Dei uma risadinha e estendi o braço para ele pousar.

— *Não reze para isso, porque aí Ayden se tornaria rei aos dezenove anos, e acho que ele não gostaria muito disso.*

Ouvi mestre Clarke descendo os degraus e me endireitei. Yanric foi até meu ombro e eu recoloquei a luva. Mestre Clarke sacudiu a cabeça, mas estava sorrindo.

— Que foi? — perguntei.

— Foi brilhante, mas não sei se você percebe no que está se metendo.

— Não quero ficar presa para sempre. É só isso que importa.

— Para ser sincero, por um segundo, pensei que ela fosse levar você arrastada daqui. — Ele passou a mão trêmula pelos cabelos.

— Valeu por me defender daquele jeito diante dela. Sério, você é o único adulto aqui da escola que está do meu lado, e eu sou muito grata por isso.

Ele ficou meio constrangido com o elogio por um momento, mas logo me deu um breve aceno de cabeça.

— Sem problemas. Estou empenhado em seu sucesso, Fallon. Já disse desde o início, não vou deixar você se desvirtuar debaixo dos meus olhos.

— Me conta, onde foi que eu me meti sem perceber?

Ele fez careta.

— Você se esforça para se distanciar da família Bane e dos atos obscuros, mas assumir publicamente a responsabilidade por eles e jurar lealdade à rainha vai te deixar sob os olhares atentos de todos os feéricos da Cidade Dourada.

Engoli em seco.

Droga, eu não havia pensado nisso.

— É melhor do que ser presa.

Ele suspirou, cansado.

— Verdade. Muito bem, é melhor você ir para a aula. Se não descobrir como trazer Ariyon de volta, com certeza vai passar o resto da vida numa cela.

Era só o que me faltava esse tipo de pressão, mas concordei e agradeci de novo, enfiei meu novo horário na bolsa e subi a escada na direção da porta.

Estava na hora de mudar de rumo. Em vez de aprender a controlar e levitar objetos, eu precisava aprender sobre cura e todas as coisas da Luz.

— *Irônico* — observou Yanric.

— *Cale a boca* — disse a meu pássaro. — *Eu sou capaz de ser luminosa, boa e curar as pessoas.*

— *Você vai ter que fazer isso. Senão, Ariyon ficará preso para sempre, você vai acabar dentro de uma gaiola, e imagino que eu acabe nessa mesma gaiola a seu lado.*

Isso sim era pressão.



ARIYON

SENTI ATRAÇÃO POR FALLON ASSIM QUE PUS OS OLHOS NELA. ELA era como um ímã, e eu me senti atraído desde o início, por mais que odiasse isso. Quando descobri que ela era filha da mulher que matou meus pais, eu me odiei por ainda desejá-la. Queria tocá-la mil vezes por dia — porque *eu* podia. Eu e ninguém mais.

Queria sentir a maciez dos lábios dela, seu gosto. Infelizmente, meu irmão também queria: Ayden, o irmão gêmeo bondoso, compassivo e atencioso, raramente levantava a voz ou ficava bravo comigo, por mais babaca que eu fosse. Por isso, quando ele chegou em casa depois de conhecer Fallon e me disse que havia sido amor à primeira vista, eu me senti morrer por dentro. Tentei dissuadi-lo com todos os argumentos que eu vivia usando para lembrar a mim mesmo que não deveria sentir o que sentia: ela era filha de Marissa Bane; a mãe dela tinha matado nossos pais.

Eu queria odiá-la. Para ser sincero, assim que descobri quem ela era, desejei sua morte. Mas a cada momento que passava perto dela... quando vi Blair ativar sua maldição, quando a vi gritar de dor, quando via como ela era gentil, como se esforçava para me fazer rir, como ficava acanhada pelo fato de as pessoas saberem quem era sua mãe e a julgarem por isso... minha raiva se transformava em outra coisa.

Eu queria protegê-la. Queria curá-la. Queria ser a pessoa que lhe daria tudo o que lhe tinha sido negado por causa da maldição.

Ver Ayden namorando a garota por quem eu estava apaixonado foi uma das coisas mais difíceis do mundo. Mas, por mim, tudo bem, se os dois estivessem felizes. Eu não queria que eles terminassem, mas sentia que o relacionamento seguiria um curso inevitável. Afinal, quanto tempo Ayden aguentaria sem tocar a namorada? Quanto tempo Fallon conseguiria lidar com isso? Quanto tempo os dois aguentariam sabendo que só eu podia tocá-la?

Na noite do baile, quando Ayden chegou em casa e me disse que não aguentava mais, eu sabia que ele havia descoberto — ele sabia que eu também havia me apaixonado pela Fallon.

— *Faça a Fallon feliz por nós dois* — ele havia dito.

Ayden sempre altruísta. Mas não hesitei. Não pude. Ela me deixava louco, no bom e no mau sentido; tudo o que eu queria era finalmente beijá-la, abraçá-la, sentir seu corpo relaxar no meu como se houvesse encontrado sua alma gêmea.

Eu sabia que estar com Fallon seria complicado, até perigoso às vezes, mas não ligava. Não era culpa dela que sua mãe psicótica estivesse tentando começar uma guerra e matar todo mundo.

Senti um forte tapa na cara e me sobressaltei; abri os olhos de repente.

O Sinistro.

O Sinistro?

— Cuidado, rapaz. Você pode se perder em pensamentos aqui embaixo — disse o Sinistro, me olhando com preocupação.

Santa Luz!

Tudo voltou a minha mente num piscar de olhos. Marissa havia me matado. Depois, acordei ali, com Fallon em pé a meu lado e as marcas de curandeiro especialista em suas mãos.

Eu me levantei num pulo, puxando a camisa para ver no peito onde Marissa havia cravado o machado. Havia uma cicatriz rosada e enrugada e as batidas descontroladas de meu coração. Era estranho, diferente daquela vez que eu estive ali com o pai de Fallon.

Levei a mão ao rosto quente, puxei minha pele.

— Estou fisicamente aqui? — perguntei, sentindo um nó no estômago.

Ele confirmou com tranquilidade.

— Sua namorada fez uma bagunça. Prometi que o manteria vivo até que ela descobrisse como transportá-lo de volta lá para cima.

Ah, Fallon.

Como? Como ela conseguiu trazer minha alma e meu corpo para o Reino da Eternidade?

— Tudo bem. Valeu, então. — Era meio estranho ser ressuscitado e ainda estar no lugar onde os mortos eram sepultados. O Sinistro fez uma leve careta.

— Não me agradeça ainda. Tive que seguir o protocolo e denunciar você ao Reino do Renascimento. Foi a única coisa que me ocorreu para poder te manter aqui. Senão, você começaria a murchar e morrer.

Murchar?!

Peraí. Ele disse Reino do Renascimento?

Engasguei ao tentar rir. O Reino do Renascimento era onde ficavam as criaturas da noite, onde elas faziam magias das trevas para reanimar seu corpo e...

Fiquei em choque. A única razão para eu ir para o Reino do Renascimento seria se eu tivesse o mesmo tipo de magia da Fallon. Fui levantando os braços devagar, olhando a pele lisa e bronzeada do dorso das mãos.

Nenhuma marca.

Nenhuma marca de curandeiro. Nenhuma marca de mestre. Nenhuma marca de especialista.

Fallon.

Ela... nós...

O Sinistro confirmou.

— Ela trocou de poderes com você para salvar sua vida. Agora, para todos os efeitos, você é da Casa de Cinzas e Sombra.

Não!

— Mas... eu sou um curandeiro! — tentei argumentar, e levei o braço ao nariz para sentir o cheiro da pele. Meu dom de sentir o cheiro de magia havia desaparecido. Senti cheiro de suor e sal, nada mais. — O que está dizendo, Sinistro? — perguntei ao feérico, dando dois passos gigantescos para trás.

A fumaça e as sombras negras que pairavam sobre o Sinistro transformaram-se em dois feéricos que ficaram me encarando. Um deles tinha um moicano preto e o outro um coque ruivo, além de barba também ruiva e uma tatuagem de cobra no pescoço.

Criaturas da noite. Feéricos caídos da Casa de Cinzas e Sombra — assim como eu naquele momento.

O Sinistro abriu um sorriso triste e deu um passo para o lado enquanto os dois feéricos avançavam para mim com algemas douradas e brilhantes nas mãos.

Naquele momento, me dei conta de que eu estava no mesmo lugar que meus pais. Eles morreram antes de eu ter lembrança deles — só os conhecia pelas fotos e histórias que minha tia contava. E agora queria vê-los, *conhecê-los* de verdade.

— Sinistro, me deixe conhecer meus pais primeiro. Por favor — implorei.

Vi tristeza em seus olhos e fiquei surpreso com sua compaixão. Da última vez que o tinha visto, havíamos lutado até a morte pelo pai da Fallon, e ele não havia sido tão compreensivo.

— Não posso permitir isso. Você não está mais morto, portanto, não pode existir onde eles estão.

Foi como levar uma facada no coração. Estar tão perto deles e, ainda assim, ser privado de até mesmo um momento juntos. Por mais desolado que estivesse por não poder conhecer meus pais, tive que deixar isso de lado para sobreviver ao que me esperava. O feérico de moicano me girou e senti o frio metal ferir meus pulsos quando as algemas se fecharam.

— Para onde estão me levando? — perguntei, tentando me desvencilhar deles.

Um deles me deu um soco no queixo com seu punho nodoso e cheguei a ver pontos pretos.

— Não resista ou te mataremos — rosnou o feérico da tatuagem de cobra no pescoço.

O Sinistro deu um passo à frente e bloqueou o caminho deles.

— Gostaria de aproveitar o momento para lembrar que vocês *devem* seguir as regras estabelecidas pelos Acordos, para que seu reino não seja fechado e as almas de lá *eliminadas*.

O feérico que me segurava franziu a testa e eu me arrependi por não ter prestado mais atenção às aulas. Que Acordos eram aqueles?

— Os Acordos serão honrados — rosnou o feérico.

— Ariyon! — gritou uma voz desconhecida atrás de mim.

Girei-me e empalideci ao ver Yanric. O familiar de Fallon estava caído na grama, respirando fundo e pesadamente, com as asas abertas e flácidas.

Ele falou! Eu o ouvi falar!

Mas então, ele desapareceu antes que eu pudesse responder.

— Interessante... — refletiu o Sinistro.

Antes que eu pudesse abrir a boca para perguntar ao Sinistro como diabos aquilo era possível e se significava que Fallon estava ferida, o feérico que me segurava pelas algemas me puxou para trás e tudo escureceu.

Fui girando na escuridão como se estivesse rolando morro abaixo, até que meus pés bateram em terra firme, um aposento entrou em foco e senti o cheiro úmido de um porão ou masmorra. O feérico ainda me segurava com firmeza pelos pulsos algemados e me conduzia para frente sem dizer uma palavra. Havíamos pousado num grande salão de pedra com várias aberturas que davam para corredores e algo como uma rede de túneis. Ao longo das paredes do salão havia prateleiras com caveiras, cristais e outros artefatos tenebrosos. Havia uma mesa encostada na parede mais distante, com duas cadeiras. Era como uma mórbida sala de descanso.

— As algemas são mesmo necessárias? — perguntei. — Não vou resistir.

A verdade era que, além de tentar lutar fisicamente com o feérico, o que era uma ideia imbecil, eu não podia resistir. Ainda não tinha a menor ideia de como usar a magia de Fallon. Claro que minha magia era mais poderosa do que a maioria das pessoas sabia... acho que nem minha tia tinha total conhecimento do lado mortal do meu poder. Eu havia mostrado minhas habilidades a ela algumas vezes, mas escondi um pouco. Não queria admitir que eu era capaz de fazer o sangue de um feérico adulto ferver ou o coração de alguém parar ou o cérebro derreter. Não queria que ela soubesse que, embora fosse um dos melhores curandeiros que já existiram, eu também era capaz de matar um homem só com o pensamento. Era um segredo obscuro que eu carregava, e agora temia que Fallon carregasse. De qualquer forma, eu não podia controlar aqueles mortos-vivos mesmo que estivesse com minha própria magia, então estava à mercê daqueles feéricos até que descobrisse outra maneira de sair dali.

O ruivo de pescoço tatuado me lançou um olhar furioso. A ponta de sua orelha esquerda havia sido cortada, deixando uma cicatriz no que sobrava dela.

— Ei, Hawk, o bonitão quer tirar as algemas — disse ao amigo.

— Ele tem cheiro da Casa de Cinzas e Sombra, mas me parece familiar — zombou Hawk, com as narinas dilatando. Ele inclinou a cabeça e um nó se formou no meu estômago.

Se descobrirem que eu era herdeiro do trono de Solana, estaria morto.

O som de passos chamou minha atenção e me virei para a porta pela qual uma mulher de cabelos escuros havia entrado. Ela usava o mesmo uniforme militar preto dos homens, mas o dela tinha um pingente de cobra dourado sobre o busto, simbolizando algum tipo de autoridade.

Ela abriu um sorriso ao pousar os olhos em mim e a bile me subiu à garganta ao ver seus dentes afiados e pontudos. Essa feérica trazia problemas. Eu sentia isso nos ossos.

— Um vivo? — cantarolou, com as narinas dilatadas.

Embora o corpo deles parecesse sólido, eles tremulavam de vez em quando, como se tivessem uma falha na alma. Por ter lutado contra o Sinistro, eu sabia que se tocasse seu rosto, pareceria real, mesmo não sendo. Essa era uma das milhões de coisas que eu não conseguia explicar sobre aquele lugar.

De alguma maneira, ela percebeu que meu corpo havia me acompanhado na jornada até ali.

— Alguém fez merda — disse o feérico tatuado. — O Sinistro parecia protegê-lo, ele deve ser importante.

Droga.

Fiquei tenso; o sorriso da mulher se alargou.

— Pois vamos identificá-lo para podermos fichá-lo.

Me identificar?

Ela atravessou o salão como um animal espreitando uma presa; levantei o queixo para encará-la. Não me importava que eu fosse impotente ali; não recuaria diante de um ataque.

Estremeci quando ela levou a mão a meu rosto e acariciou minha face. Fui logo sentindo uma dor aguda e a presença dela deslizando em minha mente como uma serpente. Tentei recuar, mas ela me segurou

com uma força invisível. Então, ela arregalou os olhos, chocada, e aquele sorriso sádico retornou.

— Ora, ora, você me trouxe uma joia inestimável! — cantarolou. Era como se minha mente fosse um arquivo que ela explorava, procurando o que queria.

Por fim, ela me soltou e me deu uma palmadinha no rosto, dizendo:

— Bem-vindo ao Reino do Renascimento, príncipe Ariyon Madden da Cidade Dourada. — Sua voz tinha uma qualidade musical, mas suas palavras me provocavam náuseas.

Os dois feéricos ficaram surpresos.

— Ele não é um de nós! Não deveria estar aqui — rosnou Hawk.

Ela ergueu o punho e o homem se calou, paralisado.

Essa mulher me parecia familiar. Não conseguia me lembrar dela, mas algo nela me incomodava.

— Ele trocou de poderes com Fallon Bane, portanto, deve ser tratado como uma criatura da noite, pois carrega nossa magia. Ele agora está sujeito a nosso processo legal e receberá o renascimento como uma criatura da noite se derrotar o tribunal — declarou.

Engasguei com a própria saliva; ela sabia de tudo, inclusive de coisas que eu não entendia.

Era isso que acontecia quando um membro da Casa de Cinzas e Sombra morria? Eram levados a um lugar diferente, submetidos a um julgamento e, a seguir, reanimados em forma de fumaça e sombra para se alimentar de sangue e, essencialmente, viver para sempre, a menos que fossem mortos?

Eu não queria ter nada a ver com aquilo. Ser uma criatura da noite era, literalmente, meu *pior* pesadelo.

— Processo legal? — Fiquei imaginando quanto tempo Fallon levaria para descobrir como me tirar dali. Ela era inteligente, mas novata em nosso mundo e nossa magia. Eu não entendia nem metade das coisas que eles falavam, por isso, sabia que Fallon teria que investigar muito para conseguir informações.

Pensei em mestre Hart e em alguns livros da biblioteca que poderiam ajudá-la a voltar para cá, mas levar meu corpo de volta à Cidade Dourada... eu não sabia se era possível. Ela tinha quebrado muitas regras quando arrastou minha forma mortal ali para baixo.

A mulher sorriu; a saliva brilhava em seus dentes afiados.

— Isso, príncipe Madden. Você está no Tribunal do Renascimento. O vencedor poderá retornar a sua local de origem. No seu caso, a Cidade Dourada.

— Ele não merece! — rosnou o feérico da tatuagem de cobra.

O sorriso da mulher não desapareceu, e isso estava começando mesmo a me assustar.

— E se eu perder? — Engoli em seco. Uma centena de cenários passou pela minha mente. O que era aquele tribunal? Como eu me sairia sem minha magia? E, pior, eu tinha mesmo a magia da Fallon? Magia de fogo e telecinese? Eu invejava esses poderes do Ayden, e agora, só queria aqueles símbolos familiares nas mãos.

A mulher se aproximou e o desagradável cheiro de carne podre atingiu meu nariz.

— Nesse caso, meu querido, você ficará aqui e vai trabalhar para mim... por toda a eternidade... ou eu posso decidir te jogar no Poço Sem Fundo e você vai deixar de existir. — Ela passou sua língua rosada sobre os dentes afiados e eu estremeci.

Beleza, acho que vou ter que vencer o tribunal.

Não tinha a menor ideia do que faziam ali, mas pela aparência daqueles corredores e das grades que via ao longe, eu estava numa prisão. Ficar ali para sempre ou ser jogado no Poço Sem Fundo? Sem chance.

Como Fallon agora estava com minha magia de curandeiro especialista, ela era a única pessoa que eu conhecia que poderia atravessar para este mundo.

Todos queriam que ela evitasse usar magia antes, mas agora, eu precisaria usá-la para sobreviver. E Fallon precisaria descobrir como me levar de volta para casa.